

Arrastão petista

VITÓRIA DE LULA NO PRIMEIRO TURNO É POSSIBILIDADE PREOCUPANTE

MARCELO DE PAIVA ABREU

A ascensão de Serra e o declínio de Ciro Gomes nas pesquisas de opinião suscitam uma seqüência de perguntas, algumas triviais, outras nem tanto, sobre os rumos da campanha eleitoral. Será Lula vitorioso já no primeiro turno? Quem será o adversário de Lula caso haja segundo turno? Como se compara o Lula candidato no primeiro turno com o que seria o possível Lula candidato no segundo turno?

Será Lula vitorioso já no primeiro turno? Esta hipótese deixou de ser remota com a queda de Ciro Gomes nas pesquisas. Embora Lula não se tenha beneficiado em nada com as perdas de Ciro, a possibilidade de ainda vir a ser aquinhado animou seus estrategistas. Esta esperança, somada a possíveis ganhos com um colapso da candidatura Garotinho, tornaria possível uma vitória no primeiro turno. Os estrategistas do PT estariam dedicados à formulação do que rotulam... "arrastão de votos". O uso da expressão, embora configure notável ato falho, descreve com bastante precisão o que se propõe: uma tentativa de apropriar-se de votos que seriam dados a outros candidatos através de ação determinada, aproveitando a pasmeira do eleitorado. De todos resultados eleitorais possíveis, este é o mais preocupante. Até o momento Lula instalou-se confortavelmente na posição de espectador, em postura que ele mesmo classifica de paz e amor, enquanto Ciro e Serra engalfinham-se diariamente. Lula pode acabar eleito no primeiro turno sem ter sido submetido a qualquer pressão para esclarecer qual será exatamente seu programa de governo. A confiança gerada por tal vitória exacerbará o bem conhecido voluntarismo petista e conduzirá a turbulências ainda maiores do que as que seriam geradas caso a vitória fosse mais árdua.

Quem será o adversário de Lula em caso de segundo turno? A significativa ascensão de Serra nas pesquisas de opinião tem uma conseqüência desafortunada: bloqueia qualquer estímulo para que o candidato trate de sanar as deficiências de seu frouxo programa. Tendo dado a partida da campanha com a infeliz ênfase nos saldos comerciais como mecanismo de recuperação do nível de atividade, e confiando nessa recuperação para viabilizar as contas públicas, o candidato parece firmemente comprometido com uma estratégia de governo baseada na compulsiva escolha de vencedores através da ação direta do governo. À postura demagógica com relação ao impacto da desvalorização cambial sobre o preço do gás de cozinha, infelizmente endossada pelo governo em mood eleitoreiro, somou-se declaração semelhante quanto ao preço do pão. É um mergulho, de cabeça, de volta ao passado. A tentativa de posterior remendo foi desastrosa ao propor que fosse zerada a tarifa de importação sobre trigo, algo que tem graves repercussões sobre a prostrada Argentina.

Ciro Gomes enfrenta dificuldades essencialmente por conta de declarações descontroladas, ainda que algumas delas tenham sido, algo inescrupulosamente, magnificadas por seus opositores. A isto somou-se um coro de despropósitos oriundos de seus aliados mais primitivos. Isto ofereceu ao rival direto, em dificuldade para fazer ver atrativos próprios, mas com um rolo compressor à sua disposição, ampla munição que tem sido exaustivamente aproveitada. Truques mercadológicos podem até deter a deterioração da popularidade de Ciro. Mas o que realmente importaria seria o ajuste radical de seu "programa". O melhor lance de Ciro no xadrez eleitoral das últimas semanas foi, sem dúvida, a escolha de José Alexandre Scheinkman para cumprir o papel da âncora que endossaria um programa econômico capaz de recuperar a confiança do eleitorado e dos investidores no Brasil. O golpe foi acusado claramente pelos estrategistas de Serra, que trataram de ressaltar o que alegam ser a incompatibilidade essencial entre a coalizão cirista e o reputado economista de Princeton. Incomodou-os a credibilidade de Scheinkman, léguas à frente da que possa despertar o duvidoso contínuo da candidatura oficial na esfera macroeconômica. Surpreendeu, entretanto, que Ciro Gomes tivesse mostrado timidez na exploração do sucesso inicial. É até possível que Scheinkman

esteja dedicado à elaboração de um novo programa cirista que dirima as muitas dúvidas suscitadas até agora quanto ao realismo, oportunidade e coerência interna do "programa" anterior. Mas esta parece ser a melhor arma que Ciro poderia brandir já nas próximas semanas para avançar na conquista de formadores de opinião.

Qual a possível relação entre o Lula do primeiro turno e o Lula do segundo turno? Caso tenha de ir para o segundo turno, poderá ser insustentável a manutenção da plataforma paz e amor. Lula teria que explicitar as suas diferenças em relação ao outro candidato, que será, com todas as ressalvas, o candidato da "direita". Neste quadro ressurgiriam as conhecidas debilidades petistas: incapacidade de definir prioridades, ênfase excessiva nos méritos de um modelo voltado para o mercado interno, insistência no predominante papel estratégico do Estado, defesa dos privilégios dos funcionários públicos em relação aos assalariados regidos pela CLT. O abandono claro da ênfase na estabilização não é de bom-tom eleitoral, mas é difícil duvidar da sua perda de posição na lista de prioridades do programa de governo petista. Superado no segundo turno o cenário paz e amor, haveria condições para que o eleitor ponderasse mais seriamente, à luz do programa do candidato alternativo, as efetivas conseqüências da reorientação radical da política econômica e os prováveis problemas de gestão que resultariam de uma vitória petista.

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio